



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.736

HATE ROCK - INSTRUMENTO POLÍTICO PARA OS FASCISMOS DO PRESENTE NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL (1990-2010)

Pedro Carvalho Oliveira
(Universidade Estadual de Maringá)
Orientador: Prof. Dr. Sidnei J. Munhoz

Resumo: Desde o fim dos anos 1970, o chamado *Hate Rock* cumpre um papel múltiplo em movimentos neofascistas europeus, atuando como ferramenta de recrutamento, de idealização nacional e de expressão e organização política. Entre os anos 1980 e 1990, esse gênero musical alcançou diversos países, a exemplo de Brasil e Estados Unidos. O fim da ditadura militar no primeiro e a queda da União Soviética no segundo deram aos dois países novos terrenos e desafios políticos, nos quais ideologias neofascistas acabaram encontrando espaço. O presente trabalho tem por objetivo analisar os discursos políticos presentes nas músicas de oito bandas desses dois territórios, produzidas entre os anos de 1990 e 2010. Por meio desta investigação, baseada na transcrição das letras e interpretação sistemática de seu conteúdo, identificaremos importantes características políticas idealizadas por agentes sociais do tempo presente. Este projeto, ainda em fase inicial, pretende, com o uso de perspectiva comparada, na qual é possível realizar afastamentos e proximidades entre ambos os contextos, alcançar uma síntese que aponte razões para a existência de um mesmo fenômeno político em duas sociedades tão diferentes. Assim, poderemos observar como ideologias atreladas ao passado são possíveis nos dias atuais.

Palavras-chave: *Hate Rock*; neofascismos; tempo presente; Brasil; Estados Unidos.

Financiamento: CAPES

Introdução

Ataques de skinheads a grupos sociais minoritários são a expressão de suas ideologias políticas, cujas bases estão fundamentadas no ódio, na ideia de uma guerra permanente contra os “inimigos” e nas pretensões de transformarem efetivamente o contexto em que vivem. Tais agressões ultrapassam os limites do puro racismo, da xenofobia ou do antissemitismo, revelando disputas políticas mais amplas muitas vezes ignoradas ou transformadas apenas em ódio dissimulado. Por trás dos crimes de ódio há referências sócio-políticas muito mais profundas.

Não se trata de jovens desmiolados e violentos, mas de amplas redes de idealizações que resultam em violência. Essa não está restrita à Europa ou a países onde os fascismos atuaram, mas em diversas partes do globo. O Brasil possui as suas próprias gangues que adaptam os discursos às suas múltiplas realidades, resultando em particularidades. Nos Estados Unidos ocorre o mesmo, ainda que os discursos neofascistas ali presentes não necessariamente se aliem aos dos brasileiros.

Ainda que apresentem diferenças, os neofascismos possuíram nas duas últimas décadas, em ambos os territórios, características e formas de atuação comuns. O *Hate Rock* é um gênero musical cujos discursos fornecem ao público explícitas posições ideológicas de seus compositores: o apoio aos fascismos. Por meio da música as bandas agem politicamente, estabelecem os rumos que sua sociedade ideal deveria tomar e convocam-na a lutar em nome deles. É um campo de disputas nos quais se apoiam para criarem movimentos de pressão.

Ao mesmo tempo, nos fornece um lugar para pensarmos os rumos dos neofascismos no tempo presente, uma fonte de suas atividades políticas. É comum para os neofascismos a característica de adequarem-se aos novos tempos a fim de sobreviverem, sem perder a sua essência e o seu contato com os fascismos clássicos. Suas vestes mudam, mas seus fundamentos e práticas permanecem e se moldam às necessidades.

A proposta desse trabalho, fragmento de um projeto de mestrado em iniciação, é conhecer como os neofascismos se comportaram no Brasil e nos Estados Unidos nos anos de 1990 e 2010, buscando suas semelhanças e diferenças. Isso será feito por meio da análise dos discursos presentes nas músicas de oito bandas, sendo quatro de cada país, buscando aproximações e distanciamentos entre eles na procura de uma síntese que nos forneça respostas às seguintes questões: como as bandas, representantes de movimentos neofascistas, pensaram politicamente seus países? Quais são as possibilidades de ações políticas do *Hate Rock*? Como os neofascismos foram, por meio desse gênero, adaptados a ambas realidades sociais?

As respostas, que podem ainda não serem dadas ao fim desse paper, mas apenas ao fim de toda a pesquisa, serão sintetizadas por meio de um método comparativo que visa identificar e compreender as particularidades de

cada caso para formular uma reflexão que forneça tais respostas. A presença do mesmo fenômeno político em diferentes locais, cujos cenários são tão particulares, chama a atenção para suas possíveis propriedades e construções históricas.

As raízes históricas do *Hate Rock*

O *Hate Rock* ganhou seus primeiros acordes na Inglaterra do final dos anos 1970, disseminado por bandas como, principalmente, a *Skrewdriver*, cujo vocalista, Ian Stuart Donaldson, tornou-se um dos mais ativos militantes neofascistas britânicos de seu tempo. O forjamento desse gênero precisa ser pensado em seu contexto, diante de transformações sócio-políticas e culturais pelas quais o seu país de origem passava. Três fatores podem ser pensados como fundamentais para o surgimento e a consolidação do *Hate Rock*: a crise econômica que se instaurava desde o início da década, a chegada do movimento *punk* e a morte de Clive Sharpe.

Os anos 1970, parte do que Eric Hobsbawm chama de “Décadas de Crise”, foi um momento no qual “os Estados nacionais perderam seu poder econômico” (1995, p. 398). Os países capitalistas se viram frente a uma crescente onda de desemprego, desigualdades sociais e pessimismo em relação ao cenário político. As esquerdas eram vistas como incapazes de solucionar a crise, sobretudo por estarem cada vez mais coagidas pelos governos neoliberais. O neoliberalismo não correspondia aos anseios das parcelas menos favorecidas da sociedade e que mais sofriam com a crise, detendo-se na manutenção dos privilégios de classes mais abastadas, promovendo a desigualdade.

Formou-se um cenário no qual os jovens se viam sem perspectivas, com a ausência de empregos e de possibilidades que os tirassem das condições desfavoráveis em que viviam. A resposta dada por boa parte deles a essa crise foi a adesão ao movimento *punk*, surgido nos Estados Unidos por volta de 1975, como meio de canalizar suas frustrações. O movimento *punk* circundava um gênero musical próprio, o *punk rock*, que difundia o estilo de vida de seus adeptos e se tornou sua principal guia comportamental. Se afastavam da ideia de “paz e amor” e do bucolismo difundido pelos *hippies* nos anos 1960 e se aproximavam do rebelde social dos anos 1950, mas com uma carga ainda

maior de revolta (BIVAR, 2001). A estética, a ausência de uma postura política definida e a negação ao *stablishment* eram essenciais na constituição do *punk*.

No bojo do movimento *punk*, os skinheads, subcultura que já existia na Inglaterra desde meados dos anos 1960, reapareceram. Por seu comportamento violento, as insistentes investidas da polícia fizeram com que os skinheads ficassem afastados da rua e dos noticiários. Com o *punk*, surgiu a oportunidade de também se colocarem diante dos problemas sociais que enfrentavam, uma vez que a maior parte deles era proveniente dos subúrbios operários. Adotaram o *punk rock* e deram a ele uma versão própria, o *street punk*, que consideravam mais real e desprovido do niilismo que contagiava os *punks* (MARSHALL, 1993).

Percebendo o potencial do movimento *punk* em agregar jovens em torno de seus ideais (ainda que esses fossem fluidos e mesmo insipientes), partidos políticos e movimentos da extrema-direita britânica, como o *National Front*, que naquele contexto de crise buscava despontar como solução a ela, procurou entre eles possíveis recrutas para a difusão de suas ideologias. Mas, a falta de compromisso dos *punks* com qualquer causa política e sua postura contestadora os afastou dos neofascistas. Entre os skinheads, no entanto, a infiltração ocorreu de forma intensa (SALAS, 2006).

A *Skrewdriver* era uma banda de *street punk* até seu vocalista e líder, Ian Stuart Donaldson, se aproximar do *National Front*. Por volta de 1979, quando Clive Sharpe, um membro do movimento neofascista inglês, morre após um confronto com skinheads socialistas, Donaldson se envolve profundamente com as causas do partido e passa a ser o porta-voz, junto com sua banda, daquele movimento. As letras de suas músicas passam a defender o nacional-socialismo e sua política, bem como um discurso de ódio contra seus inimigos. Outras bandas também se converteram.

Enquanto a crise se ampliava em toda a Inglaterra, o *National Front* se tornava, aos olhos de muitos, a solução frente à passividade das esquerdas e da direita neoliberal. Logo, o discurso de que a Inglaterra sofria saques dos estrangeiros se alastrou e ganhou respaldo. Orbitando em torno de uma defesa de identidade aos moldes dos fascismos clássicos, o partido identificou inimigos e propôs mudanças no sistema político inglês que excluía grupos específicos. Na prática, os skinheads simpáticos às suas ideias serviriam como

frente militante nas ruas, agredindo grupos minoritários e difundido ainda mais tais ideias de ódio.

Nesse aspecto, o *Hate Rock* se tornou ferramenta fundamental de ideias neofascistas, capaz de idealizar a sociedade de acordo com suas concepções, pleitear espaço entre diferentes círculos e angariar adeptos para os movimentos de ordem neofascista. O potencial político do *Hate Rock* pode ser percebido se nos voltarmos à criação do *Blood & Honour*, movimento fundado por Donaldson nos anos 1980 com o objetivo de organizar e reunir bandas e projetos musicais, incluindo shows e eventos, em torno do gênero (DAMASCENO, 2012), ganhando células pelo mundo, incluindo Brasil e Estados Unidos.

Ainda que o *Blood & Honour* se declare uma organização independente, é necessário sublinhar a participação ativa de partidos políticos em torno do *Hate Rock*. Ainda que discretamente, alguns deles financiam a produção musical (gravação de discos, promoção de shows, etc.) a fim de aliar-se aos jovens em busca de apoio. As bandas, por sua vez, participam da militância partidária não apenas por compactuarem com suas ideias, mas também pelo fornecimento de patrocínios desse tipo. Na Grécia, a frente jovem do partido neonazista Aurora Dourada, o *Antepithese*, disponibiliza em seu website uma seção dedicada à música neofascista, com links de acesso à página da *Black Sun Rising Records*, selo musical que promove e vende *Hate Rock*. Bandas locais como *Iron Youth* declaram seu aberto apoio ao Aurora Dourada (TIPALDOU, 2012).

Dessa forma percebemos a presença política nas raízes do *Hate Rock*, desde um discurso idealizador da sociedade aos seus moldes, buscando legitimar o neofascismo como protagonista para a reconstrução de seus meios, até a aliança entre os produtores e difusores do gênero com partidos políticos. Como, então, tais ações foram pensadas e executadas no Brasil e nos Estados Unidos? Antes de tentarmos responder a isso, vejamos um rápido panorama dos contextos nos quais buscamos terreno para tal análise.

Brasil e Estados Unidos: Um breve panorama das duas últimas décadas

No corte temporal aqui estabelecido, esses países se viram diante de cenários diferentes. Os Estados Unidos saíam vitoriosos da Guerra Fria, com a

derrubada do Muro de Berlim (1989) e a consequente queda total da União Soviética (1991), tornando-se uma hegemonia cultural, econômica e política no ocidente. O Brasil buscava a sua estabilidade em todos estes níveis e, para tanto, dependeria de parceiros como os Estados Unidos. Depois do fim da ditadura militar, o país elegeu para presidente, por meio de eleições diretas, candidatos considerados neoliberais tendo sido Fernando Henrique Cardoso o que atuou durante mais tempo nessa década.

Nesse momento, as relações entre Brasil e Estados Unidos se tornam estreitas, sobretudo pela negociação para acordos de livre comércio antes mesmo de sua posse como presidente. Tal aproximação, tendo em vista um consenso em torno de uma relação bilateral entre os países, mas com o Brasil mantido em posição submissa aos critérios políticos estadunidenses (ainda que tal posição não fosse consolidada e pudesse variar), gerou a melhoria em suas relações diplomáticas. Tais aproximações, em maiores ou menores proporções, seriam mantidas quando George W. Bush assumiu o poder após Bill Clinton (ALMEIDA, 2011).

Pouco depois disso, o Brasil assume uma postura mais à esquerda – ainda que com um projeto político que muitos podem considerar centrista – com a chegada de Luís Inácio “Lula” da Silva à presidência em 2002, o que aos olhos da política externa dos Estados Unidos foi visto com desconfiança. Tal apreensão seria desfeita ao passo em que Lula manteve uma postura conservadora na economia, sob críticas de setores da esquerda brasileira. Além disso, em relação à política externa, “Lula adotou uma postura pragmática, mantendo um baixo perfil de confronto com os Estados Unidos, isolando os assuntos e as negociações onde havia maior divergência, valorizando os pontos de convergência” (CABRAL, 2011, p. 312).

Internamente, o Brasil viveu durante os anos 1990, sob a sombra dessas relações, um processo de intensa construção de sua nova democracia, sufocada durante 21 anos de ditadura militar. A guia de tal construção em toda a década foi a política neoliberal, que ajustou aos seus anseios a elaboração dos novos caminhos a serem tomados para a instauração de uma sociedade democrática. O afastamento do Estado em relação às questões sociais, comum em um governo com estas feições, resultaram em desigualdades e comprometeu o desenvolvimento de instituições públicas. Diante disso, novos

agente sociais surgidos no âmbito civil se encarregariam de lutar por suas demandas (ALVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR, 2000).

Já nos anos 2000 o Brasil viu a crescente participação do Estado na busca pela diminuição das disparidades econômicas e desigualdades sociais, por meio de programas que foram duramente criticados pelas classes dominantes. Parte dela possuía uma significativa quantidade de eleitores históricos de Lula que, já em 2006, não mais o apoiaria. Em contrapartida, a adesão das classes menos favorecidas, sobretudo no Norte e Nordeste, foi intensa graças às medidas governamentais que melhoraram suas vidas (SINGER, 2012).

Enquanto isso, os Estados Unidos viviam uma década de tensões provenientes dos atentados ao World Trade Center e ao Pentágono já em seus primeiros anos, resultando em uma política de intenso policiamento social por parte do governo de George W. Bush. Os estadunidenses foram cercados por um monitoramento que ultrapassava os limites impostos pelas leis que asseguravam a liberdade e a privacidade dos indivíduos em nome de sua “Guerra ao Terror”. Isso se configurou em um importante contradição: Bush se dedicava a ações excessivamente liberais em alguns âmbitos (o econômico, principalmente), mas extremamente autoritárias em outros, como nas medidas invasivas desse pós-11 de setembro, que iam na contra-mão de toda a cultura liberal defendida pelos estadunidenses (BERTONHA, 2011).

Podemos ver que os dois países viveram contextos de mudanças intensas nessas duas décadas. O Brasil viu a busca pelo desenvolvimento de um novo modelo democrático passar pela mão de duas lógicas governamentais diferentes, nas quais grupos sociais antagônicos foram privilegiados. Nos Estados Unidos, as diferentes forças políticas no poder lidaram com a hegemonia do país também de formas distintas, fazendo a sociedade experimentar ações mais conservadoras e mais liberais frente a acontecimentos de proporções globais. Assim sendo, as movimentações políticas civis se colocaram ativas diante de cada conjuntura.

O *Hate Rock* no Brasil e nos Estados Unidos: Aproximações e distanciamentos

O aparecimento dos primeiros skinheads estadunidenses data do início dos anos 1980. Eles teriam se movimentado primeiramente no Sul do país, na região chamada de meio-oeste. Tal fato foi possibilitado pela presença de movimentos racistas já existentes no local, como a Ku Klux Klan, além de resquícios segregacionistas entre a população, como sugere o relatório *Skinheads in America: Racists on the rampage*, produzido pela *Southern Poverty Law Center*¹ em 2012. Embora tenham se espalhado pelo território estadunidense, é provável que o berço de sua gênese tenha favorecido a predominância de discursos racistas em suas frentes.

Não podemos dizer que o discurso racista, ainda que igualmente terrível, caracterize uma postura fascista. No entanto, o racismo é inserido nesse discurso como parte do projeto político de sociedade que estes grupos almejam. De todo modo, as quatro bandas estadunidenses que serão investigadas com maior profundidade no desenvolvimento do trabalho se identificam explicitamente com o nazismo.

A *Angry Aryans*, banda mais reconhecida no cenário neofascista estadunidense, evoca o nazismo e o racismo presente nele ao mesmo tempo quando se denominam como “arianos raivosos”. A violência é elemento fundamental para a banda e seu discurso apenas respalda tal constatação. Sua “raiva” está direcionada principalmente aos negros, alvos favoritos da maioria de suas músicas. Os negros são apresentados como a principal causa de um suposto esfacelamento da identidade estadunidense que, segundo proclamam, baseia-se na cultura étnica do homem branco. Conseqüentemente, esse fato traria ao país crises em diversos âmbitos, em especial no desenvolvimento de uma sociedade civilizada.

A música *Negrodation of Character*, presente no EP de mesmo nome lançado em 1999, expressa sua visão sobre os negros: “Sua testa inclinada e seu Q.I. baixo/ Naturalmente feitos para servirem aos judeus/ Uma raça de assassinos, um defeito genético/ Uma falha da criação, inegável equívoco”². Para a banda, os negros são uma raça defeituosa por natureza, incapaz de ser

¹ A *Southern Poverty Law Center* é uma organização sem fins lucrativos que presta assistência legal para casos envolvendo a violação de direitos civis. Seus relatórios de pesquisa, que envolve uma vasta equipe de diversas áreas das ciências sociais, são frequentemente publicados pelo informe *Intelligence Report*.

² ANGRY Aryans. *Negrodation of character*. In: *Negrodation of Character*. Michigan: Tri-State Terror, 1999. 1 CD. Faixa 04.

revertida a algo bom. Esse posicionamento legitima a violência racial como forma de “eliminar o problema”, uma vez que nada mais poderia ser feito.

Os skinheads racistas se fundamentam em premissas nazistas, como aquelas que diferenciam as raças a partir de características físicas e comportamentais. Os não-brancos são colocados na posição de inimigos da raça ariana, uma vez que ameaçariam sua dita pureza (MARTINEZ JR.; SELEPAK, 2013). Sendo os negros inimigos, se estabelece a noção de que há uma “guerra racial” pela disputa de poder cultural e político, uma vez que os negros estadunidenses reivindicam dos governos leis que incidam de forma mais intensa sobre o racismo.

Tal discurso é também partilhado pela banda brasileira “Brigada NS”, de São Paulo, onde os primeiros skinheads brasileiros surgiram no final dos anos 1980, a maior representante nacional do *Hate Rock*. Podemos perceber a presença de elementos nazistas em seu nome, pois “NS” se refere a nacional-socialismo. Para a banda, os negros também são representados como elementos indesejados que degradam a nação, quando dizem: “Na minha nação tu não tens mais lugar/De tanto procriar agora tens que roubar/Volte para a África, macaco desgraçado/Não temos mais senzalas pra você vegetar”³.

O nacionalismo é outra característica marcante entre as bandas e, nesse sentido, há um afastamento significativo entre bandas do Brasil e dos Estados Unidos. Ocorre que no primeiro houve uma sensível e contraditória tendência ao anti-imperialismo por parte das bandas, enquanto no segundo existiu um discurso fortemente agressivo aos grupos latinoamericanos e a uma dita perda da hegemonia estadunidense frente à insubserviência desses países. Ao mesmo tempo, ambos os lados são veementemente contrários à imigração, exceto por um caso particular, o da banda baiana “Bandeira de Combate”.

Apesar de não aderir a discursos racista ou xenófobos, a banda não se distancia do que Francisco Carlos Teixeira da Silva (2012) chamou de “práticas fascistizantes”. Essas práticas estão, no caso da banda, fundamentalmente ligadas ao nacionalismo e à defesa da nação. Porém, há que se ressaltar o fato de que a banda lançou, em 2001, o disco “Questão de Honra” pelo selo “Ultra

³ BRIGADA NS. Peste negra. In: *O retorno da velha ordem*. São Paulo: D-18, 2001. 1 CD. Faixa 04.

Violence Records”, famoso por lançar bandas neofascistas adeptas do racismo. O fundo do disco é ilustrado por uma cruz celta, muito usada por neonazistas.

Nos Estados Unidos, a banda *The Voice* se manifesta sobre o nacionalismo em *Warrior's Call*, faixa do álbum *Verdukhelm* (1993). Nela ouvimos: “Esse é o tempo para ouvirmos o chamado dos guerreiros/Levantarmos e lutar antes da queda de nossa nação/O exército vermelho se move sem piedade/Para destruir nossa raça ariana”⁴. A referência a um “exército vermelho” é uma crítica aos comunistas e à esquerda, inimigos históricos dos fascismos, considerados anti-nacionalistas. A ideia de uma guerra constante, também presente nos fascismos clássicos, permeia o imaginário dessas bandas.

As outras bandas que farão parte da análise que se desenvolverá nesse projeto, ainda não foram suficientemente exploradas para que possamos extrair delas fragmentos que exemplifiquem suas posturas políticas neofascistas. Exceto pela certeza de que fazem parte e defendem tais movimentos, uma vez que seu material gráfico evidencia tais conclusões, pouco ainda pôde ser constatado para fazermos comentários mais profundos. Além disso, a pouca qualidade das gravações de algumas bandas dificulta o trabalho de transcrição, sendo necessário uma atenção e tempo maiores a serem despendidos em seu tratamento. Tal procedimento será melhor elaborado.

Por hora podemos perceber, ainda que parcialmente, como as bandas de cada país lidam com elementos específicos que caracterizam os fascismos, como o nacionalismo, a xenofobia e o ódio racial presente em algumas práticas fascistas. Em ambos os lados podemos enxergar um entendimento semelhante sobre o que propõem os fascismos diante do que consideram problemas, ao mesmo tempo em que podemos atentar para especificidades.

No lado brasileiro, a recorrência ao racismo se torna dependente do regionalismo. Não é uma regra a existência de bandas neofascistas adeptas do racismo, pois a identificação com ele está limitada a uma heterogeneidade étnica. Nos Estados Unidos, a presença do racismo, embora não uma regra, é marcante e revela as raízes do movimento. No Brasil, o racismo incide de

⁴ THE VOICE. *Warrior's call*. In: *Verdukhelm*. Michigan: Resistance Records, 1993. 1 CD. Faixa 01.

forma mais intensa entre as bandas do Sul, identificadas com culturas européias colonizadoras, como os alemães e os italianos, de quem se dizem herdeiros. Para os estadunidenses, a herança ariana é a predominante.

Em ambos os casos, os discursos são mais uniformemente atrelados ao nacionalismo como força impulsionadora de suas razões. Defender a nação se mostra algo indispensável e levado às últimas consequências. Porém, as concepções de nação variam mais entre as bandas brasileiras do que as estadunidenses, uma vez que no Brasil ela passa por uma autocrítica a respeito do lugar pertencente ao racismo nessa nação, pois nem todas as bandas se vinculam a ele.

Considerações finais

Estas “músicas de ódio” tem um apelo que busca tanger os ouvintes, dando-lhes rumos para atuarem em nome do que defendem. Como é afirmado por Helene Lööw (1998), este tipo de música não cria organizações fascistas, mas inspira visões, sonhos e fantasias aos militantes sobre as sociedades utópicas que buscam estabelecer. Concentram em suas canções elementos políticos dos fascismos e apontam-nos como soluções aos problemas sociais que enxergam.

De maneira parcial, podemos concluir que ao pensarmos as bandas do *Hate Rock* como agentes políticos ativos, ainda que não próximos à esfera estatal, nos faz compreender o seu discurso idealizador como uma ação de pressão para buscar seus objetivos. Tal ação comove indivíduos, aponta inimigos e defende a violência contra eles, o que se concretiza por meio de agressões recorrentes nos meios urbanos.

Dessa forma, procuraremos cada vez mais nos distanciar da ideia de política como aquela sendo feita apenas no âmbito dos grandes partidos e personagens públicos. Os neofascistas que não necessariamente estão filiados a algum partido também agem politicamente, por vezes utilizando de recursos semelhantes aos que grupos mais amplos utilizam. Nesse sentido, pensaremos e conceituaremos os neofascismos como práticas políticas.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Paulo Roberto de. As relações Brasil-Estados Unidos durante os governos FHC. In: MUNHOZ, Sidnei J; TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos (Orgs.). **Relações entre Brasil e Estados Unidos: Séculos XX e XXI**. Maringá: Eduem, 2011, p. 273-308.

ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Orgs.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

BERTONHA, João Fábio. **Geopolítica, defesa e desenvolvimento**: A primeira década do século XXI na América Latina e no mundo. Maringá: Eduem, 2011.

BIVAR, Antonio. **O que é punk**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CABRAL, Ricardo. A política externa do governo Luiz Inácio Lula da Silva e as relações com os Estados Unidos da América. In: MUNHOZ, Sidnei J; TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos (Orgs.). **Relações entre Brasil e Estados Unidos: Séculos XX e XXI**. Maringá: Eduem, 2011, p. 309-358.

DAMASCENO, Natália. Para uma anatomia do neonazismo: Reflexões sobre o movimento Blood & Honour. In: MAYNARD, Dilton C. S. **História, neofascismos e intolerância**: Reflexões sobre o Tempo Presente. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012, p. 45-73.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos**: O breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LÖÖW, Heléne. White Power Rock'n'Roll: A Growing Industry. In: KAPLAN, Jeffrey; TORE, Bjørgo. **Nation and Race** – The developing Euro-American racist subculture. Boston: Northeastern University Press, 1998, pp. 126-147.

MARSHALL, George. **Espírito de 69**: A bíblia do skinhead. São Paulo: Trama Editorial, 1993.

MARTINEZ JR., Belio Antonio; SELEPAK, Andrew. Power and violence in Angry Aryans songlyrics: A racist skinhead communication strategy to recruit and shape collective identity in the White Power movement. **C&S**, São Bernardo do Campo v. 35, n. 1, 2013, p. 153-180.

O'HARA, Craig. **A filosofia do punk**: Mais do que barulho. São Paulo: Radical Livros, 2005.

PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

POTOK, Mark; BEIRICH, Heidi. **Racist Skinheads**: Understanding the threat. Montgomery: Southern Poverty Law Center Intelligence Project, 2012.

SALAS, Antonio. **Diário de um skinhead**: um infiltrado no movimento neonazista. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Planeta, 2006.

SINGER, André. **Os sentidos do Lulismo**: Reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

TIPAULDOU, Sofia. Rock for the Motherland: White Power music scene in Greece. In: SHEKHOVTSOV, Anton; JACKSON, Paul. **White Power Music**: Scenes of extreme-right cultural resistance. Northampton: RNM Publications, 2012, p. 47-56.